Revista Comunicação Cultura & Sociedade
ISSN: 2317-7519
DOSSIÊ IV COLÓQUIO MATO-GROSSENSE DE EDUCOMUNICAÇÃO
EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL, INTERCULTURAL E INDÍGENA
Edição 19, V. 12, Ano 11, Nº 1, 2026

# A EXPERIÊNCIA DA EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL EM MÍDIA INDEPENDENTE: A DIVERSIDADE DE CAMINHOS DE CIDADANIA

# THE EXPERIENCE OF SOCIO-ENVIRONMENTAL EDUCOMMUNICATION IN INDEPENDENT MEDIA: THE DIVERSITY OF CITIZENSHIP'S PATHS

**Sucena Shkrada Resk**[29]
**Antonia Alves Pereira**[30]

## RESUMO

Este artigo concentra-se na experiência da série Educomunicação Socioambiental em Foco, integrante do programa de webdocumentários no YouTube: Eu, Nós e o Nosso Meio Ambiente. A manifestação de uma pluralidade de vozes em diferentes territórios e biomas é uma característica marcante dessa iniciativa, potencializando a expressão da transversalidade das mensagens e das experiências de apropriação do empoderamento e da diversidade de ferramentas apresentadas nas narrativas dos entrevistados, em um conteúdo que prioriza a defesa de causas e ações cívicas. O referencial teórico-metodológico insere-se na pesquisa-intervenção, a qual consiste em articular o registro de iniciativas de educomunicação socioambiental a um processo dialógico, possibilitando a elaboração de roteiros que contemplam uma diversidade de fontes e temas no âmbito da mídia socioambiental independente.

**Palavras-chave:** educomunicação socioambiental; empoderamento; biomas; cidadania; diversidade.

## ABSTRACT

This article focuses on the Socio-environmental Educommunication in Focus series, part of the Me, Us and Our Environment YouTube webdoc program. The manifestation of a plurality of voices in different territories and biomes is a prevailing characteristic of this initiative, enhancing the expression of the transversality of messages and experiences of appropriation of empowerment and diversity of tools presented in the narratives of the interviewees in content that prioritizes the defense of causes and civic actions. The theoretical-methodological framework falls within intervention research, which consists of articulating the recording of socio-environmental educommunication initiatives to the dialogical process with the possibility of developing a script with a diversity of sources and topics in independent socio-environmental media.

**Keywords:** socio-environmental educommunication; empowerment; biomes; citizenship; diversity.



[29] Jornalista criadora e editora do Blog Cidadãos do Mundo e dos Programas: Vozes dos Biomas e Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc. Pós-graduação lato sensu em Política Internacional e em Meio Ambiente e Sociedade (FESPSP). Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (PUC-SP). E-mail: sucenaresk@yahoo.com.br.
[30] Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, atuando no Mestrado Profissional Indígena (PPEGECII) e nos cursos de graduação interculturais e de Jornalismo. E-mail: antonialves@unemat.br.

## Introdução

A concepção da série 7 – Educomunicação Socioambiental em Pauta, desenvolvida no Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc[31], no canal do Youtube da jornalista Sucena Shkrada Resk, teve início em 25 de julho de 2022, totalizando 14 episódios em formato de vídeocast e está aberta a novas pautas. A linha editorial tem como premissa na composição das pautas, os elementos de historicidade, da contribuição socioambiental, e da diversidade de histórias e causas em diferentes territórios e biomas expostas pelas personagens entrevistadas, como exercício de cidadania, que se tornaram modelos possíveis de serem replicados. Os episódios não têm vínculos de patrocínios ou apoios financeiros que possam interferir no conteúdo final.

Este recorte potencializa a expressão da transversalidade de mensagens e experiências de apropriação, de empoderamento e utilização de diferentes ferramentas educomunicativas expostas nas narrativas pelos entrevistados (as) em conteúdos que prevalecem a defesa de causas e ações cidadãs com propósitos coletivos. São conteúdos que reforçam que educação é comunicação, é diálogo como destacado Paulo Freire na obra Extensão ou Comunicação? (1968) e em Pedagogia da Autonomia (1996, p. 47) que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção".

Com base na obra Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista, de Jürgen Habermas, Gomes (2007), sinaliza que a educação emancipatória deve desenvolver a competência comunicativa, permitindo que os sujeitos participem de debates livres, críticos e fundamentados. Os processos educomunicativos seguem esta premissa.



Por meio de áudio, vídeo, mídias impressas, digitais e de expressões culturais, entre outras, o que é possível identificar, ao longo da série, é que cada vez mais jovens e adultos interagem em busca de soluções de causas socioambientais em comum. Tanto projetos na esfera pública, como na privada apresentados nos episódios, têm como meta unir a apuração rigorosa do conteúdo com a formação em tecnologias mais aprimoradas. O sentido de identidade é um

[31] O Blog Cidadãos do Mundo (https://cidadaosdomundo.webnode.page) abriga os programas socioambientais de entrevistas denominados por Vozes dos Biomas e Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc, veiculados pelo canal http://www.youtube.com/sucenashkradaresk.

elemento central. Transversalmente, a crise climática permeia as narrativas, como também a necessidade de conhecimento a respeito de direitos e deveres cidadãos. Justiça socioambiental e climática norteiam as narrativas.

Como destaca a Rede Brasileira de Justiça Ambiental, este termo se relaciona a um conjunto de princípios e práticas que asseguram que nenhum grupo social, seja étnico, racial ou de classe, suporte uma parcela desproporcional das consequências ambientais negativas de operações econômicas, de decisões de políticas, e de programas federais, estaduais, locais, assim como da ausência ou omissão de tais políticas (Acselrad *at al*., 2000).

O termo da justiça climática, por sua vez, é usado pelos movimentos socioambientais em diferentes localidades do planeta para mostrar que a crise climática não é um assunto que deve ser enfrentado apenas do ponto de vista ambiental e por meio de soluções tecnológicas, mas principalmente em termos éticos e políticos. Isso implica colocar a necessidade de inclusão e de equidade no centro da tomada de decisões sobre como fazer a mitigação e a adaptação às mudanças do clima (MEC, 2025).

Questões de gênero, raciais, de segurança alimentar, culturais, de conservação de biodiversidade e ecossistêmica, de vulnerabilidade a eventos extremos, entre outras agendas são elementos de pauta recorrentes, conforme se verifica na maioria dos videocasts, por meio das narrativas dos entrevistados, ao tratar principalmente de suas realidades locais em seus biomas, da Amazônia ao Cerrado.



A série demonstra de maneira prática o conceito de educomunicar como um processo que culmina com a criação ou ampliação de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos que sejam capazes de formar cidadãos críticos e participativos (Soares, 2010, p. 43). Para o docente da Universidade de São Paulo (USP) e pioneiro da Educomunicação, este é um caminho necessário para fortalecer a cidadania e a sustentabilidade no âmbito do bem-estar coletivo, em que todos os envolvidos cuidam para que todos tenham espaço de interlocução, de participação e de compartilhamento, vivenciando o protagonismo nas ações realizadas e o diálogo como metodologia de apoio.

Mais de 20 anos após a pesquisa que identificou o conceito educomunicativo na interface Comunicação/Educação em práticas e ações de pesquisadores e

agentes de países ibero-americanos que utilizavam o referencial teórico de Paulo Freire, entre 1997 e 1999, um novo verbete é incluído pela Academia Brasileira de Letras – ABL. Se nos primórdios, as ações se realizam no contexto da educação não formal e da comunicação como resistência a práticas hegemônicas, chegou à educação formal por meio de um projeto desenvolvido em escolas da rede municipal da cidade de São Paulo, o Educom.rádio, em 2001. Entre 2004 e 2008, o Ministério do Meio Ambiente – MMA se apropriou desses parâmetros para suas ações de educação ambiental em todo o país. Esse percurso histórico, para além de outras apropriações, está contido na definição da ABL.

> 1. Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão. 2. Formação e atividade profissional do educomunicador, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos (ABL, 2021, on-line).

O conceito de Educomunicação Socioambiental integra as bases epistemológicas da Educomunicação e a vertente crítica da Educação Ambiental para se posicionar de maneira crítica à instrumentalização e ao utilitarismo, e incentivar a criação de ecossistemas comunicativos pautados na convivência e no reconhecimento da complexidade inerente à vida (Brianezi; Gattás, 2023).



A multiplicidade de formas de expressão é um resultado deste exercício, conforme destaca Saldanha (2025) sobre os avanços ocorridos em torno do conceito.

> Os movimentos que vêm se estabelecendo nos últimos anos sob a égide da Educomunicação Socioambiental nem sempre adotam explicitamente o conceito, mas guardam em comum a vinculação à área-mãe da Educomunicação, o foco na indissociabilidade entre as questões sociais e ambientais e a procura pelo diálogo com outras áreas do conhecimento que ajudem a dar conta da complexidade dos fenômenos envolvidos, de modo semelhante ao que ocorreu na gênese da própria Educomunicação, concebida a partir da interface entre dois macrocampos e áreas afins. (Saldanha, 2025, p. 174).

Estes aspectos trazem elementos importantes de reflexão que vem ao encontro do roteiro da série Educomunicação Socioambiental em Pauta, como a observação da necessidade de se desenvolver metodologias ativas e interativas

nas práticas educomunicativas. Segundo Chaga e Coutinho (2025), tais metodologias não apenas favorecem a participação dos alunos, mas também incentivam a colaboração e a troca de experiências entre diferentes comunidades. A implementação de projetos que envolvam a produção de conteúdos midiáticos, campanhas de conscientização e ações comunitárias é fundamental para ampliar o alcance da Educomunicação e promover mudanças efetivas nos comportamentos socioambientais.

Não se configurando como uma teoria, a Educomunicação carrega arcabouço teórico que a configura como um paradigma. Como proposta teórico-metodológica, é “pesquisa de intervenção social no ensino de metodologia nos cursos de educomunicação” (Citelli; Soares; Lopes, 2019, p. 15). Com este argumento, contextualizamos este artigo numa proposta metodológica de intervenção social, visto que os episódios de vídeocast estabelecem um diálogo com atores que apresentam uma atuação com foco na transformação social a partir de sua prática.

A partir da pesquisa participante e da pesquisa-ação, Citelli, Soares e Lopes (2019, p. 16) apresentam o conceito da pesquisa de intervenção como algo que se aproxima “da pesquisa crítica com a ação de caráter racional e estratégico (objetivo de eficácia e de êxito da intervenção nos problemas de pesquisa educomunicativos)”.



Para os autores, há dois vínculos entre reflexão epistemológica e reflexão intervenção – explicação (pesquisa sobre os sujeitos) e aplicação (prática reflexiva versus práticas espontâneas dos sujeitos). Como na pesquisa aplicada, teoria e prática apresentam interação construtivista e criativa. Igualmente, na pesquisa de intervenção, os objetos educomunicativos estudados requerem reciprocidade no relacionamento entre o aluno pesquisador e os sujeitos sociais da pesquisa, assim como participação, envolvimento e clareza do posicionamento implicado. Participação e distanciamento tornam-se um processo dialético que estimula a prática da pesquisa de intervenção, assim como possibilita refletir e incorporar “a necessária preocupação com a função social da ciência e a formação do pesquisador diante dos problemas educomunicativos investigados” (Citelli; Soares; Lopes, 2019, p. 16).

Neste contexto, os episódios aqui contextualizados se inserem na reflexão epistemológica e de intervenção porque contextualizam os sujeitos entrevistados (explicação) e se debruça sobre suas práticas de maneira reflexiva (aplicação). Não apenas para contextualizá-las, também para gerar um movimento de empatia na audiência com os entrevistados, a série educomunicativa carrega em sua concepção reciprocidade, participação e envolvimento.

## Histórico dos episódios

O roteiro dos episódios da série Educomunicação Socioambiental em Pauta do Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc tem como critério principal a escolha de experiências respeitadas e reconhecidas no segmento e, em sua maioria, que já são desenvolvidas por um longo período, em diferentes regiões e biomas brasileiros. A multiplicidade de vozes é uma característica presente ao longo das entrevistas, que traz os olhares e repertórios de diferentes gerações, que interagem e contribuem para a realização dos projetos educomunicativos (Figura 1).

**Figura 1** – Episódios da série Educomunicação Socioambiental em Pauta



Fonte: @sucenshkradaresk (YouTube[32], 2025).



[32] Disponível em: http://www.youtube.com/sucenashkradaresk Acesso em: 9 out. 2026.

Os três primeiros episódios, produzidos e divulgados no segundo semestre de 2022, trouxeram reflexões a partir de quatro biomas – Mata Atlântica, Amazônia, Cerrado e Pantanal. Da Mata Atlântica, o episódio 1 Educomunicação Socioambiental em 17 anos da Imprensa Jovem contextualiza as ações de jovens estudantes de escolas públicas municipais na capital paulista, com sua prática de educomunicação socioambiental, a partir do projeto Imprensa Jovem – Agência de Notícias na escola. Em 2021, a iniciativa foi premiada na terceira colocação, junto com o projeto paquistanês (Daastan, de Syed Ommer Amer), que investe em técnicas de "estórias" para promover diálogo intercultural assim como a segurança de jornalistas, no Prêmio Aliança para Mídia e Informação, da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura da Unesco.

Como convidados, o Webdoc recebeu o coordenador do Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, o professor Carlos Lima e os estudantes repórteres que participaram do Imprensa Jovem: Cícero Ivanilson Silva Gonçalves, à época, com 22 anos, ex-aluno participante da Imprensa Jovem da EMEF Professora Marili Dias (2013-2014) e que estuda Direito da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), desde 2018: e Jamily Vitória Marcolino Ferreira, à época, com 16 anos, que participou da Imprensa Jovem e em 2021, se tornou Jovem Embaixadora 2021/2022 da *Inspiring Girls* Brasil e atua na equipe de marketing da Iniciativa sem fins lucrativo Construindo o Futuro, que tem o objetivo de colocar em prática os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) entre o público jovem. Ela também é produtora de conteúdo de redes sociais do AfroeducAÇÃO.



O segundo episódio trata da experiência dos repórteres da floresta da Rede Mocoronga de Comunicação Popular, na Bacia do Tapajós, na Amazônia, desde 1987, do Projeto Saúde & Alegria em Santarém. A iniciativa já capacitou e apoiou mais de 400 jovens, em mais de 30 comunidades do oeste do estado do Pará, por meio da atuação dos repórteres da floresta. Entre as produções multimídia, ao longo dos anos, mantêm programas na Rádio Rural de Santarém (aos domingos); Rádio Princesa FM e Rádio Rural AM (Alô Comunidade, durante a semana).

O projeto recebeu reconhecimento internacional, com a premiação Yeomans para Conteúdos Locais, organizado pela Global Knowledge Partnership e pela Open Knowledge Network, entre outros. Para falar sobre esta experiência, foi

convidado, Fábio Pena, então coordenador de Comunicação e Educação do PSA, e um autêntico mocorongo, que está desde o início do projeto, quando ainda era criança e vivia em Carariacá na região do Arapixuna, parte do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Lago Grande. Outro convidado foi o midiativista e mobilizador da juventude Walter Kumaruara, da Aldeia Vista Alegre do Capixauã, que desde os nove anos se integrou à Rede Mocoronga e em 2018, fundou o Coletivo jovem tapajônico.

No episódio 3, gravado em setembro e colocado no ar em outubro de 2022, houve uma narrativa proveniente do Centro-Oeste brasileiro, nas regiões pantaneira e do Cerrado. O Diálogo sobre jornalismo socioambiental, educação popular e educomunicação teve como convidada a jornalista Antonia Alves, à época, pró-reitora de Assuntos Estudantis da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), mestre em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP e doutoranda em Comunicação pela Uerj. A pesquisadora também é autora do blog http://www.educomunicacao.jor.br e uma das idealizadoras do Portal Educacional Aprendaki [descontinuado] e sócia-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom). A professora e pesquisadora atua com projetos educomunicativos com articulações com a educação ambiental com estudantes de jornalismo.

A partir de 2024, o episódio 4 Os elos entre conservação socioambiental, políticas públicas e a educomunicação dialogou com duas convidadas: a jornalista e educomunicadora Debora Menezes, mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Jornalismo Avançado da Universidade Estadual de Campinas, que à época era coordenadora do projeto Rede Cidadã do InfoAmazônia; e a educadora Flávia Rossi de Morais, analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que integrou a formulação da Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental no Sistema Nacional de Unidades de Conservação. As narrativas das convidadas destacam o valor dado ao desenvolvimento de iniciativas que buscam a cartografia social, entre outros elementos, que abrem espaço à participação efetiva das comunidades no processo e uma atenção mais criteriosa e abrangente sobre os múltiplos atores, por parte das gestões públicas.

Gravado em julho de 2024 e colocado no ar no mesmo mês, o episódio 5 apresentou o tema Jovens que descrevem sua realidade socioambiental local relacionada aos recursos hídricos em Santo André. No bioma da Mata Atlântica, o projeto audiovisual Água, Câmera e Ação, desenvolvido pela Gerência de Educação e Mobilização Ambiental do Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André (Semasa) em parceria com o Instituto Cultural Social Brasil, entre 2020 e 2022, com financiamento do Fundo Estadual de Recursos Hídricos.

A iniciativa contou com a participação de 325 jovens do município de Santo André, SP, e obteve o prêmio internacional Cidades Educadoras. A experiência resultou em 48 curtas-metragens e um livro, voltada à conservação dos recursos hídricos, conforme relatos das convidadas: a bióloga Elaine Cristina da Silva Colin, mestre e doutora em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da USP, que atua como gerente de Educação e Mobilização Ambiental no Departamento de Gestão Ambiental do Semasa; e Thayssa Oliveira, técnica ambiental e educadora popular, moradora do Jardim Santo André, e uma das participantes do projeto.

O episódio 6 é um registro do diálogo com a convidada Carmen Gattás, pós-doutora em Educação Ambiental pelo Instituto de Biociências (IB/USP) e doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP), tendo defendido a primeira tese sobre a temática da educomunicação socioambiental. Ela falou sobre a riqueza intercultural de projetos nos quais trabalhou, por anos, com jovens indígenas, e os desafios e caminhos para se comunicar em tempos de crise climática.



Outra característica da série 7, Educomunicação Socioambiental em Pauta, do Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc é a transdisciplinaridade, visto que em alguns episódios há um diálogo intrínseco com outras séries desenvolvidas no Canal Jornalista Sucena Shkrada Resk. Neste contexto, o sétimo episódio desta série fez interlocução com a outra série, integrando com a série 3 do Webdoc (episódio 15, série 3, A Saúde dos Recursos Hídricos Brasileiros em pauta).

Educomunicação Socioambiental em Pauta (episódio 7, da série 7) refletiu sobre os caminhos para ampliar a divulgação e a comunicação a respeito de água e saneamento de forma acessível a diferentes públicos. No mês de novembro de 2024, o webdoc recebeu as convidadas Laís Monteiro Santana e Marta Marcondes. A primeira, à época, estudante de ensino médio do Colégio Universitário USCS,

que desenvolve trabalho de iniciação científica de sistematização do registro e armazenamento de dados sobre esta temática, por meio de tutoriais e notas técnicas, entre outros, sob orientação da professora Regina Albanese Pose, que é cientista de dados. Já a segunda é bióloga, mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos (2008) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que é coordenadora do Projeto Índice de Poluentes Hídricos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (IPH USCS), Instagram @projetoiph, do Projeto Expedição Mananciais, e docente/pesquisadora na instituição.

Gravado em agosto e exibido a partir de setembro de 2024, o episódio 8 traz o diálogo a respeito da Educomunicação e educação socioambiental e climática. Falamos a respeito do projeto Educom & Clima (https://sites.usp.br/educomeclima), desenvolvido no âmbito do Programa de Pesquisa em Políticas Públicas (PPPP) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Coalizão Brasileira pela Educação Climática. Para falar a respeito, recebemos a jornalista Thaís Brianezi, que é docente na graduação e pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). A pesquisadora é doutora em Ciência Ambiental (USP) e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (Ufam). O bate-papo também integrou o episódio 15, Série 15, Caminhos da COP 30 no Brasil (A temperatura de nosso termômetro da emergência climática), do Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc.



Como desmembramento do tema, em dezembro de 2025, o Ministério da Educação (MEC), em parceria com a USP, lançou o curso Educomunicação & Clima: Precisamos conversar sobre emergência climática nas escolas. O curso tem o objetivo de qualificar educadores e gestores da Educação Básica a desenvolver a temática das mudanças climáticas em sala de aula, por meio de práticas educomunicativas, e é aberto também a qualquer cidadão (ã) interessados (ABPEducom, 2025). Inicialmente foram oferecidas 10 mil vagas com carga horária de 60 horas. O desenvolvimento da formação é da equipe do Educom & Clima, vinculado ao Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP), em parceria com o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais do Ministério

da Ciência, Tecnologia e Inovação (Cemaden/MCTI) e sob Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental (Anppea).

Durante a 30ª edição da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30), em novembro de 2025, o projeto Educom & Clima e a revista Letramento Socioambiental lançaram um dossiê com 88 textos inéditos, distribuídos nos temas: educação climática transformadora e currículo escolar; justiça climática, racismo ambiental e territórios de resistência; educomunicação, mídia e desinformação climática; sentidos, culturas e saberes ecoafetivos. O documento foi selecionado para integrar a Agenda de Ação da COP30.

Os episódios 9 a 12 tiveram uma característica especial, no contexto do roteiro da série, porque os entrevistados foram cineastas indígenas da região Centro-Oeste, no bioma do Cerrado, que participaram do IV Colóquio Mato-grossense de Educomunicação, na Unemat, em Cáceres, MT, e compartilharam suas vivências com o Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc. As suas falas expressaram uma linha histórica de diferentes gerações, que encontraram e potencializaram com a educomunicação socioambiental uma forma de defender os direitos e culturas indígenas, além das fronteiras nacionais, por meio de reconhecimentos internacionais, que levaram suas mensagens a vários cantos do planeta. Os entrevistados foram Caimmi Waiassé Xavante, Takumã Kuikuro, Kamatxi Ikpeng e Typju Myky.



No episódio 9, o diálogo é com o educador indígena e cineasta Caimi Waiassé Xavante, da Terra Indígena (TI) Pimentel Barbosa, na região de Canarana, em Mato Grosso, que é um expoente do audiovisual indígena no Brasil, que se destaca a partir dos anos 1990. Em sua trajetória, dirigiu e produziu mais de 10 filmes, sendo quatro premiados em festivais nacionais e internacionais.

Entre os seus trabalhos, está Tem que ser curioso, realizado em 1997, no contexto do Vídeo nas Aldeias, projeto voltado à produção audiovisual indígena; o documentário Darini, Iniciação Espiritual Xavante (2005), com direção de Caimi em parceria com Jorge Prodoti, teve como produtora Rosa Gauditano (falecida em 2025) e Waté'wa – Os jovens Xavante que batem água (dirigido por Caimi Waiassé Xavante e Leandro Parinai'a, 2019), apresenta o ritual de furação de orelha dos rapazes Xavante da TI Marãiwatsédé, em sua passagem para a vida adulta. O

documentário foi produzido pelo povo Xavante e pela Operação Amazônia Nativa (Opan), e teve apoio do projeto Irehi: cuidando de territórios.

Caimi cursou o Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural da Unemat, na qual sua dissertação, em 2023, foi a respeito do audiovisual como estratégia pedagógica no contexto formativo e intercultural dos jovens Xavante. Ele também foi o convidado da entrevista 214 do Programa Vozes dos Biomas e do episódio 17 da série 15: Caminhos da COP 30 no Brasil, do Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc.

A experiência do audiovisual de Takumã Kuikuro foi o tema do episódio 10, criador do Xingu Filmes (@xingufilmes), na zona de transição entre os biomas Cerrado e Amazônia, e cresceu na aldeia Ipatse, no Território Indígena no Xingu. Takumã é fundador do Coletivo Kuikuro de Cinema, participou do projeto Vídeo nas Aldeias, coordenado pelo indigenista e documentarista franco-brasileiro Vincent Carelli, na década de 1980. Takumã dirigiu documentários premiados nacional e internacionalmente, em festivais de Gramado, de Brasília, do Cinema Brasileiro, da Jornada Internacional de Cinema da Bahia, do Festival de Filmes Documentário Etnográfico e do Presence Autochtone de Terres.

Entre suas direções, estão The Day The Moon Menstruated (Takumã Kuikuro, Maricá Kuikuro, 2004); As hiper mulheres (2011), dirigido por Takumã junto a Leonardo Sette e Carlos Fausto, e Karioka (2014), uma produção da Aikax (Associação Indígena Kuikuro do Alto do Xingu). Ao longo de sua caminhada, recebeu o prêmio honorário Bolsista da Queen Mary University London, no ano de 2017, e também foi o primeiro jurado indígena do Festival de Cinema Brasileiro de Brasília, em 2019. Tem realizado oficinas audiovisuais no Xingu e iniciativas com outros povos e é criador do Festival de Cinema e Cultura Indígena (FECCI), que teve a primeira edição em 2022. Ele também é o convidado da entrevista 216 do Programa Vozes dos Biomas e do episódio 18 da série 15: Caminhos da COP 30 no Brasil, do Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc.

Com o tema A experiência do audiovisual do cineasta indígena Kamatxi Ikpeng, o episódio 11 da série 7, Educomunicação Social em Pauta, também foi o destaque da entrevista 217 do Vozes dos Biomas e do episódio 19 da série 15: Caminhos da COP 30 no Brasil. Também do Xingu, em Mato Grosso, entre os seus trabalhos, se destacam Yarang Mamin, Movimento das Mulheres Yarang (2019),

que documentou a história de um grupo de mulheres de seu povo, que formou um movimento para coletar sementes florestais e restaurar as nascentes do Rio Xingu, que passa por suas aldeias. Em 2022, registrou a expedição Pïrino Avivamento dos Limites, junto com Kuyatapu Dunga Ikpeng, contemplados pelo projeto de microbolsas Repórteres Indígenas da Agência Pública. Kamatxi, ao longo dos anos, tem recebido o reconhecimento nacional e internacional e chegou a participar de curso audiovisual em Cuba.

No episódio 12, conhecemos a trajetória audiovisual do cineasta indígena Typju Myky da região de Brasnorte, em MT, no Cerrado brasileiro, que integra o Coletivo Ijã Mytyli de Cinema Manoki e Myky (https://www.ijamytyli.org/manoki-e-myky) e cursa Licenciatura em Pedagogia Intercultural na Unemat. Ele também é o convidado da entrevista 218 do Programa Vozes dos Biomas e do episódio 20 da série 15: Caminhos da COP 30 no Brasil. Trabalhou até o momento em 15 produções, sendo sete curtas-metragens e já recebeu reconhecimento internacional, como no Festival Black Star, na Filadelfia; e em especial ao documentário Ãjãí O Jogo de Cabeça dos Myky e Manoky, dirigido por Typju e André Lopes (2019).

Em novembro de 2025, o episódio 13 foi no contexto da programação da Cúpula dos Povos, em Belém, Pará, que ocorreu no campus Guamá da Universidade Federal do Pará, na 30ª edição da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas (COP 30). Como uma das temáticas relevantes, o Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc abordou a importância do exercício do papel da educomunicação socioambiental popular e cidadã, durante o 7º Encontro de Cidadania Digital: um instrumento de empoderamento de comunidades de diferentes localidades brasileiras em prol da conservação socioambiental de seus territórios e no combate às mudanças climáticas.



O Webdoc ouviu duas histórias, que expõem estas narrativas peculiares carregadas de brasilidade. Uma delas é da irmã Lu, das Irmãs Notre Dame de Namu, que atuam na região de Breves, na Ilha do Marajó, com público infantil e adolescente. Outra é de Nagi Ribeiro Sanches, 69 anos, operador de áudio da Rádio Terra Preta FM 87.9, na região de Belém, que também integra a iniciativa de rádio web aldeia. Estas histórias transversais também fazem parte do episódio 32

da série 15 – Caminhos da COP 30 no Brasil (a temperatura de nosso termômetro da emergência climática e do episódio 33 da série 8 – Justiça Climática: uma prioridade no século XXI.

Ainda na atmosfera da 30 edição da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP 30), em Belém, se desenrolou o diálogo do episódio 14. O tema da série foi o processo de ocupação de jovens de espaços de interlocução na COP 30, por meio da educomunicação socioambiental. A entrevistada foi Mirella Vitória Sales Archangelo (insta: mirella_archangelojm), 19 anos, estudante de primeiro ano de Jornalismo, em Ribeirão Preto, SP, que integrou o grupo de jovens educomunicadores da iniciativa Viração, na conferência, que tem uma história de militância desde a infância. A equipe, além de fazer entrevistas no evento, produziu a edição 121 da Revista Viração voltada à questão socioambiental e climática, em novembro. O nosso bate-papo integra o episódio 38 da série 15 – Caminhos da COP 30 no Brasil – a temperatura de nosso termômetro da emergência climática; e o episódio 39 da série 8 – Justiça Climática: uma prioridade no século XXI, e emerge temas como crise climática, justiça socioambiental, racismo ambiental, questão de gênero e protagonismo juvenil.

**A educomunicação socioambiental como elo nos episódios**



O delineamento do histórico dos episódios demonstra que há um elo entre eles que pode ser vislumbrado pelo paradigma da Educomunicação Socioambiental. Com atenção à história de vida das mulheres, homens e jovens, as entrevistas da série Educomunicação Socioambiental em Pauta do Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc são sensíveis e potentes pela dimensão de suas temáticas e dos resultados alcançados pelos agentes sociais envolvidos em seu território, localidade e redes de atuação. Muitas vozes se fizeram presentes nos webdocs, elevando o canal da jornalista Sucena Shkrada Resk ao patamar das iniciativas em prol do jornalismo independente pautado na educomunicação socioambiental – um jornalismo que apresenta lado nos parâmetros do jornalismo emancipatório que consiste em “assumir um posicionamento em um processo de construção coletiva de emancipação” (Oliveira, 2017, p. 202).

Nessa concepção que apresenta uma dimensão relacional bem delineada, Dennis de Oliveira aponta que a prática jornalística constrói um olhar crítico de *personagens*, *cotidiano* e *ambiente* buscando deslocá-los da sua funcionalidade e reposicioná-los dentro de uma perspectiva estrutural (2017, p. 203, itálico do autor). O autor enfatiza que isso exige superação da posição oficial do jornal ou de uma perspectiva autoral de denúncia para a vivência em torno do pensamento crítico e projeto coletivo. Para além do lide informativo (quem, o que, quando, onde, como), esse jornalismo emancipatório busca sistematizar experiências na perspectiva de Oscar Jara – por que aconteceu isto que aconteceu e por que não aconteceram outras coisas – (Oliveira, 2017, p. 208).

Essa perspectiva comparece nos episódios da série em que o diálogo entre entrevistadora e convidados é tecido a partir de seu lugar de fala, de sua atuação com uma intencionalidade definida para dar visibilidade a sua prática emancipatória. Da intencionalidade de escolha dos convidados ao roteiro de questões abordadas, tudo coopera para a composição da série centrada em sua atuação, demonstrando que o canal pratica um jornalismo emancipatório.

Muitas das iniciativas são reconhecidas nacional e internacionalmente, acumulando prêmios e ações que ultrapassam o próprio território – estudantes de escolas municipais de São Paulo atuando há mais de 20 anos com educomunicação alcançaram reconhecimento da Unesco (do educom.rádio à Imprensa Jovem – episódio 1); repórteres da floresta de Santarém alcançando a Amazônia pelas ondas do rádio premiados pela Global Knowledge Partnership (episódio 2); o movimento juvenil em defesa dos recursos hídricos em Santo André, SP que resultou em 48 curtas-metragens e um livro conquistou o prêmio internacional Cidades Educadoras (episódio 5);



Mesmo no âmbito da discussão conceitual, a educomunicação socioambiental se delineia em práticas educomunicativas voltadas para a comunicação da vida em tempos de crise climática em territórios indígenas (episódio 6), como caminhos para a divulgação científica para a comunicação a respeito da água e do saneamento de maneira acessível a diferentes públicos (episódio 7). Na sala de aula do ensino superior, disciplinas de jornalismo ambiental, local e regional dão dimensão muito maior ao fazer-saber jornalístico

com a educomunicação socioambiental integradas a projetos educomunicativos articulados à educação ambiental com estudantes de jornalismo (episódio 3).

Neste percurso, conservação socioambiental, políticas públicas e educomunicação ampliam as ações com narrativas e iniciativas pautadas na cartografia social, na participação das comunidades no processo e de múltiplos atores (episódio 4). Iniciando por São Paulo, a política do projeto Educom & Clima chegou ao governo federal com um curso de educomunicação e Clima para professores de todo o país (episódio 8).

No IV Colóquio Mato-grossense de Educomunicação, cineastas dos povos Kuikuro, Kisedjê, Myky, Xavante, Kaiabi e Ikpeng protagonizaram seu fazer cinematográfico por meio de um olhar que observa a emergência climática em seu território com produções críticas sensíveis e reconhecidas em cenários nacional e internacional, além de atuar em interlocução com as escolas da educação escolar indígena. (episódios 9, 10, 11 e 12). A educomunicação socioambiental está presente em sua atuação. Dois deles participam com a produção audiovisual desde o Vídeo nas Aldeias[33] (episódios 9 e 10).

Com o advento da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas (COP 30), muitos episódios foram inseridos neste contexto, aproveitando os eventos específicos que aconteceram simultaneamente. A educomunicação socioambiental popular e cidadã em prol da conservação socioambiental de territórios e no combate às mudanças climáticas (episódio 13), levantando-se em vista da militância para a questão socioambiental e climática, com temas que incluem justiça socioambiental, racismo ambiental, questão de gênero e protagonismo juvenil (episódio 14).

O conjunto das pautas desenvolvidas nos 14 episódios demonstra a potencialidade da educomunicação socioambiental como prática cidadã, por meio de iniciativas que revelam atores que se apropriam das causas e temáticas sobre as quais tratam principalmente de interesse coletivo. Este exercício possibilita argumentos mais coesos frente a discursos vazios.



[33] O Vídeo nas Aldeias (VNA) foi criado em 1986, como um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil, pelo indigenista Vicent Carelli. Com acervo de mais de 70 filmes, o objetivo consistia em apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas. Disponível em: https://ims.com.br/convida/video-nas-aldeias. Acesso em: 30 jul. 2026.

## Considerações finais

Ao longo dos 14 primeiros episódios da série Educomunicação Socioambiental em Pauta do Programa Eu, Nós e Nosso Meio Ambiente Webdoc, no canal da jornalista Sucena Shkrada Resk, colocados no ar até novembro de 2025, é possível observar que os entrevistados traçam um caminho em comum em busca do bem-estar socioambiental da coletividade. Mais um aspecto importante é o respeito às características regionais, tanto no recorte ecossistêmico, como culturais. São marcas educomunicativas que registram a identidade das comunidades ou grupos envolvidos em seus territórios. Como pano de fundo, a crise climática emerge da busca por justiças socioambiental e climática e revela questões socioambientais em áreas urbanas e rurais. A noção de pertencimento é uma linha subliminar que envolve todas as narrativas.

A diversidade registrada em diferentes biomas revela características específicas, que emergem nas falas dos entrevistados, tanto dos educomunicadores experientes; como dos mais recentes, que estão em processo de formação. Essas informações geram conhecimentos a respeito das peculiaridades socioambientais, com uma carga diferencial, que é a fala de quem vive, conhece a fundo e defende o seu território.



Nos processos educomunicativos descritos, a tecnologia é apropriada pelos educomunicadores entrevistados como instrumento que potencializa suas causas, com o cuidado para não prejudicar os saberes tradicionais mantidos como referência identitária pelas personagens.

A veiculação das entrevistas da série em mídia independente, nesta experiência da série, possibilita a exposição das pautas, sem possíveis censuras impostas pelo marketing ou publicidade, quanto ao teor das defesas de causas socioambientais específicas expostas. A proposta é que o processo continue, com novas entrevistas e narrativas, que tragam esta pluralidade que enriquece o conteúdo descrito na série.

Retomar o pensamento freiriano vem ao encontro desta proposta editorial. Para identificar as complexas similitudes entre os possíveis *modus comunicandi* e o *modus educandi,* necessitamos retomar a um dos pioneiros na inter-relação

comunicação/educação no cenário latino-americano: Paulo Freire, que, no clássico texto Extensão ou comunicação?, focaliza os processos comunicacionais que se inserem no agir pedagógico libertador (Soares, 2000).

O educador Paulo Freire afirma que o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal; não está apenas no mundo, mas com o mundo. Neste contexto, a comunicação é vista como um componente do processo educativo e não através do recorte do messianismo tecnológico, alerta Freire, nessa direção, que, embora todo desenvolvimento seja modernização, nem toda modernização é desenvolvimento. Assim, o gerundivo latino modus refere-se a uma forma de relação estratégica performativa, que se estabelece entre comunicação e educação, através do agir (Soares, 2000, p. 19).

## Referências

**ABPEDUCOM.** 10 mil vagas: MEC lança curso “Educomunicação e Clima” para fortalecer a educação ambiental nas escolas. São Paulo: ABPEducom, 2025. Disponível em: https://abpeducom.org.br/curso-mec-educom-clima/. Acesso em: 24 jul. 2026.

ACSELRAD, H., Justiça Ambiental – novas articulações entre meio ambiente e democracia. In: IBASE/CUTRJ/IPPUR-UFRJ. **Movimento Sindical e Defesa do Meio Ambiente** – o debate internacional (série Sindicalismo e Justiça Ambiental). Rio de Janeiro, v. 3, 2000, p. 7-12.

BRASIL. **O que é justiça climática**. Brasília: MEC, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/vi-conferencia-nacional-infantojuvenil-pelo-meio-ambiente-vi-cnijma/o-que-e-justica-climatica. Acesso em: 24, jul. 2026.

BRIANEZI, T.; LIMA, C.; OLIVEIRA, E.; GATTÁS, C. A educomunicação socioambiental na Rede Municipal de Educação de São Paulo: histórico e análise a partir das perspectivas socioambiental, territorial e democrática. **Comunicação & Educação**. São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 196–211, 2023. Disponível em: https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/208637. Acesso em: 1 ago. 2026.

CITELLI, A. O.; SOARES, I. O.; LOPES, M. I. V. de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 12–25, 2019. Disponível em: https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330. Acesso em: 1 ago. 2026.

CHAGAS, D. A. C.; COUTINHO, D. J. G. A educomunicação como agente de sensibilização na prática socioambiental. **Revista Ibero-Americana De**

**Humanidades, Ciências e Educação.** São Paulo, v. 10, n. 11, p. 352–362, 2024. https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.16501

EDUCOMUNICAÇÃO. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rio de Janeiro: ABL, 2021. Disponível em: https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educomunicacao. Acesso em: 10 jun. 2026.

FREIRE, P. ***Extensão ou comunicação?*** 8ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, L. R. Educação, consenso e emancipação na teoria da ação comunicativa de Habermas. **Publications UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**. Ponta Grossa, v. 15, n. 2, 2009. DOI: https://doi.org/10.5212/publ.humanas.v15i2.602

OLIVEIRA, D. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

REVISTA VIRAÇÃO. Edição 121, novembro 2025. Disponível em: https://viracao.org/educomunicativos/revista-viracao-edicao-121-novembro-de-2025/. Acesso em: 24 jul. 2026.

SALDANHA, F. Tendências da Educomunicação Socioambiental: Diversidade epistemológica nas práticas de intervenção social. **Revista Eco-Pró.** Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 157–180, 2025. https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28461

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo, v. 19, p. 12-24, 2000. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.



Recebido em: 21 de janeiro de 2026.
Aprovado em: 18 de julho de 2026.